



Nota Técnica SBIm 30/08/2022

Calendário vacinal do adolescente: Desafios atuais

Autor: Ricardo Becker Feijó

Professor Associado de Pediatria da Faculdade de Medicina - UFRGS

Chefe da Unidade de Adolescentes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre - HCPA

Representante Regional Sul da Sociedade Brasileira de Imunizações - SBIm

A importância da vacinação dos adolescentes tem sido objeto de estudo e avaliação crescente nos últimos anos, especialmente frente ao impacto da adolescência em relação à transmissão de doenças como *pertussis*, influenza e meningite meningocócica.

Atualmente, ao enfrentarmos um cenário global de baixas coberturas vacinais em todas as faixas etárias que atingiram a população infantil, os desafios da vacinação dos jovens está presente nas principais diretrizes nacionais e internacionais.⁽¹⁾

Instituições como a Organização Mundial da Saúde e UNICEF têm destacado como prioridade atingir maiores coberturas vacinais através da participação direta da população adolescente, que representa 1.2 bilhão de indivíduos em nosso planeta. Independentemente das peculiaridades sócio-culturais, apenas com adequada comunicação e engajamento direto dos jovens será possível ultrapassar barreiras da desinformação, da insegurança e dos preconceitos relacionados às vacinas.⁽²⁾

Na busca de entendimento sobre o momento específico que vive o adolescente, sentimentos como insegurança, alterações físicas e cognitivas, medo de não ser aceito por seus pares, dificuldade de controlar impulsos e

emoções, necessidade de ser ouvido, são características comuns dos jovens que expressam a importância de existir oportunidades de promoção de informações sobre sua saúde. Dentro deste contexto que a vacinação, tal como a orientação sobre sexualidade, hábitos sociais, comportamentos de risco, entre outros, deve estar inserida em todos os programas de saúde de adolescentes.⁽¹⁾

É possível fazer um paralelo entre tais dificuldades e hesitação vacinal: inseridos na definição de hesitação vacinal, estão conceitos fundamentais (3):

- Influência contextual (aspectos culturais, sociais, políticos, incluindo “teorias conspiratórias”)
- Influências individuais e de grupo (crença que vacinas não são seguras, que podem causar doenças)
- Aspectos específicos da vacinação (baixa percepção de risco, dificuldade de acesso, baixa segurança na recomendação dos profissionais de saúde).

Desta forma, ao promover o entendimento da adolescência, estaremos contribuindo para o jovem não apenas consolidar sua maturidade individual, mas atuar como agente multiplicador de conceitos de prevenção de saúde.

Entre as principais estratégias, destacam-se algumas que envolvem todos os níveis de inserção do adolescente:^(1,4)

- estímulo às consultas preventivas de saúde;
- orientação de imunizações presentes em todas as oportunidades de consulta;



- materiais informativos sobre doenças imunopreveníveis elaborados de forma didática, clara e com linguagem acessível;
- envolvimento dos adolescentes como agentes de saúde na transmissão de informações;
- envolvimento de instituições de ensino na divulgação, discussão e aplicação de vacinas em ambiente escolar;
- estímulos às famílias na participação em discussões sobre prevenção da saúde, inclusive em oportunidades de vacinação de grupo de adolescentes no mesmo ambiente (escolas).
- campanhas de vacinação e programas de extensão em escolas, clubes ou igrejas
- comunicações eletrônicas frequentes, como lembretes e avisos nas redes sociais e dispositivos móveis

Contudo, não se pode obter sucesso sem considerar a utilização do maior número dessas estratégias simultaneamente. O apoio e incentivo da comunidade científica é fundamental, pois é a principal referência para os adolescentes e familiares. Recentemente, temos observado resultados excelentes com algumas iniciativas elaboradas especificamente para adolescentes: como exemplo nacional, destaca-se a Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm) com a campanha “Quem vacina não vacila”, tendo sido elaborada com participação direta de jovens e através de linguagem e comunicação visual direcionada a essa população.⁽⁵⁾ Da mesma forma, destacam-se iniciativas como da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) de incentivo à autonomia, acesso e direito ao atendimento médico específico do adolescente, sempre pautado por critérios éticos e legais.⁽⁶⁾



Bibliografia

1) Feijó RB. Vacinação de adolescentes. In: Ballalai I (ed). Manual prático de Imunizações, AC Farmacêutica 2ª Ed. 2016, Cap 40 pgs 392-403.

2) UNICEF. Adolescent health and well-being. Disponível em:
www.unicef.org/health/adolescent-health-and-well-being

3) MacDonald NE. Vaccine hesitancy: definition, scope and determinants. Vaccine 33:4161-4162, 2015.

4) Feijó RB. Adolescent immunization: Understanding challenges and framing Solutions for healthcare providers (artigo comentado). Rev Imunizações 11(1):20-24, 2018.

5) Sociedade Brasileira de Imunizações - SBIm. Campanha Quem vacina não vacila. Disponível em : <https://quemvacinanaovacila.com.br>

6) Sociedade Brasileira de Pediatria - SBP. Consulta do adolescente: abordagem clínica, orientações éticas e legais como instrumentos ao pediatria. Departamento científico de Adolescência, No10, 2019. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/consulta-do-adolescente-abordagem-clinica-orientacoes-eticas-e-legais-como-instrumentos-ao-pediatra/>